



O espetáculo do vazio

A cultura estilhaçada

Era o que faltava ao Brasil: num cenário de mediocridade, a volta da censura e da intolerância contra os poucos que ainda ousam pensar e criar

POR NIRLANDO BEIRÃO

Em outubro de 2016, a Academia de Ciências de Estocolmo surpreendeu meio mundo, destinando o Prêmio Nobel de Literatura a Bob Dylan. O Nobel não é exatamente o melhor guardião do cânone das letras, equilibrando-se na gangorra que oscila entre os reais méritos da escrita e ignotas conveniências políticas. A escolha de um cantor e compositor pop seria suficientemente justificada pelos dons poéticos do letrista inspirado que é Dylan e até mesmo pela milenar tradição dos *aed-*dos, cuja oralidade narrativa era amparada pela música (e é o que ainda fazem, aqui entre nós, os repentistas do Sertão). De todo modo, o Nobel quebrou o paradigma e estendeu o tapete vermelho para um gênero que faz torcer o nariz do público *cultivé* da norma erudita.

O rock, ou o pop, ou o rhythm'n'blues, enfim, a música anglo-saxônica de raiz africana contaminou o mundo a partir da Segunda Guerra Mundial com uma particularidade histórica: o pop, como explicitou a premiação de Bob Dylan, extravasou dos palcos para os costumes,

a moda, a literatura, as artes plásticas, passou a ser a principal referência cultural das nações com a possível exceção de países enclausurados como a Arábia Saudita e a Coreia do Norte. Ao contrário de Elvis Presley, de Elton John, de Kurt Cobain e da funkeira Anitta, nem Bach nem Beethoven ditaram moda em sua época. Hoje vende-se rebeldia *su misura*.

O pop rock é um fenômeno de tamanho estardalhaço, inclusive no Brasil, onde as bandas internacionais deitam e rolam, que às vezes chega ao paroxismo de tornar irrelevante o que é feito para ouvir, a natureza mesma da música – harmonia, melodia, palavras –, em detrimento

**A ARTE CHEGOU
AO PONTO DE
TODO MUNDO SE
PERGUNTAR: ISTO
É ARTE? MESMO
OS ARTISTAS**



do que são os êxtases coletivos dos festivais tribais e dos shows de rock. O invólucro, amplificado pela tecnologia, suplanta o conteúdo. Ou, como profetizara o hoje paleozoico Marshall McLuhan, o meio é a mensagem.

Todo o espectro cultural, e não só a música, sucumbiu aos códigos do que outro profeta relutante, o francês Guy Debord, chamou de “sociedade do espetáculo” – em livro que precedeu em um ano, coincidentemente, a vertiginosa encenação dionisíaca que passou à história com o eufemismo cauteloso de “acontecimentos de Maio” (de 1968). “A

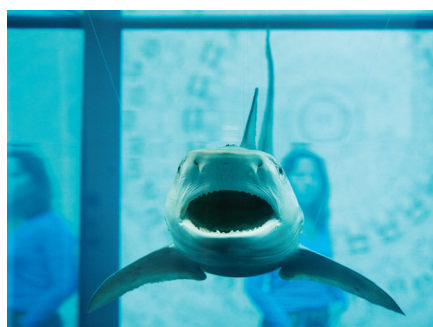
LEONARDO RODRIGUES, SANG TANI/APE
KEVIN WINTER/GETTY IMAGES/AFP





Fogo de artifício. Brito, Milhazes e o tubarão de Hirst produzem espetáculo. O gênio de Dylan atravessou a fronteira

vida nas sociedades nas quais reinem as atuais condições de produção”, começava Debord, retomando a análise do capitalismo nas pegadas de Walter Benjamin e da Escola de Frankfurt, “se anuncia como uma enorme acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou como representação”. A multiplicação das imagens promove um *pseudomundo* (grifo do autor) à parte. E nem sequer se sonhava, então, com a internet e a barafunda das redes sociais,



com sua vertiginosa aptidão em gerar e logo diluir conteúdos.

Mais vulneráveis haveriam de ser países como o Brasil, cujo lastro cultural é incomparavelmente menor do que o dos povos civilizados da Europa, do Oriente e mesmo de seus vizinhos latinos. A MPB ainda nos redime, num *bunker* de briosa teimosia, mas no panorama geral o Brasil fraqueja. O Nobel que premiou Dylan passa longe daqui, e até mesmo no campo das ciências da natureza, onde o talento

individual pode ser agraciado excepcionalmente, as perspectivas são sombrias, já que o governo ilegítimo prefere comprar votos do que subvencionar pesquisas. O próprio ministro da Ciência e Tecnologia, Gilberto Kassab, é incapaz de distinguir um vírus de uma bactéria.

A cultura, assim como a educação, ou o que sobra dela enquanto não triunfa o cerceamento da “Escola sem partido”, seria o território de resistência contra a exclusão social a que querem circunscrever-la. É uma briga desigual. Os poderes monopolistas buscam patrulhar, com o amparo midiático, as manifestações, mínimas que sejam, de singularidade: dos negros, dos índios, dos homossexuais, das mulheres, dos dissidentes de todos os matizes. Não deve ser por mera coincidência que o Teatro Oficina foi buscar numa reedição de *O Rei da Vela* o seu manifesto de resistência. A montagem original aconteceu um ano antes do AI-5. As semelhanças galopam numa História que quer se repetir como farsa.

Refestelada a casa-grande na herança excludente da escravidão, convicta de que lhe cabe o privilégio exclusivo das letras, mesmo quando a leitura lhe provoca ojeriza, como é o caso, por exemplo, do gestor dos patos, o líder da indústria, um empresário que jamais folheou um só livro que não fosse o do Caixa, até mesmo o ofício literário adere ao circo midiático das subcelebridades, obrigando os escribas de verdade e de talento, um Raduan Nassar, um Milton Hatoum, a um esforço dobrado de distinção e discrição – um resistente “não” à tentação carnavalesca da ribalta e do mercado. O legado histórico do analfabetismo viceja na política e no Judiciário, em que, no caso da fauna togada, a ignorância e a má-fé são alimentadas por um bacharelismo palavroso e superficial que na verdade não exprime rigorosamente nada.





O espetáculo do vazio

Nossos escritores, em sua maioria, incensados nas feiras literárias, em palestras e em bate-papos na tevê, adquiriram *status* de *rock stars* e assim se comportam, sob a tietagem arfante dos adoradores de ídolos. Principalmente os mais medíocres se aproveitam dos minutos de fama, de forma que o mais relevante que escrevem hoje são os autógrafos que dedicam aos fãs. A centimetragem nos veículos impressos e a cronometragem nos meios eletrônicos pautam as candidaturas à Academia Brasileira de Letras, já tradicionalmente caricata. A Casa de Machado de Assis pode se orgulhar de ter nos seus quadros, entre outras nulidades, um comentarista procedente da emissora monopolística incapaz de encadear duas frases que façam algum sentido. Perto dele, Paulo Coelho – cristalizado que esteja em seus estratagemas presunçosos – é um Flaubert.

O cinema, que pelo menos viveu em outros tempos a efervescência vulcânica de um Glauber Rocha, finge-se de moderno quando sugere o caminho do *streaming* no Netflix, como acontece com este *O Mecanismo*, do irremediável José Padilha. A exaltação da violência policial, racista e fascizante, com direito à adulteração de verdades históricas em nome de uma suposta liberdade ficcional, leva a decifrar o porquê daquele invariável figurino do diretor hollywoodiano. Se tirar a touca, ou o boné, matéria malcheirosa vai fatalmente exalar.

Não por acaso a dificuldade de retratar, ainda que com traços alegóricos, a realidade nacional em sua diversidade selvagem acaba empurrando o cinema nativo em direção ao documentário, no que encontra alguma facilidade narrativa e certo alívio criativo. Há exceções na busca de uma sensibilidade perdida e de uma dimensão humana em filmes que podem ser tão bons – e convém lembrar *Aquarius*, de Kleber Mendonça Filho, e *Que Horas Ela Volta?*, de Anna Muylaert



Farsa e golpe.

Ao deboche anticapitalista de *O Rei da Vela* o regime fardado respondeu com o AI-5. E o de hoje?



– que paradoxalmente o melhor elogio que se costuma atribuir a eles é: “Parece cinema argentino”.

As artes plásticas, que desde o urinol de Duchamp se desvinculou de qualquer compromisso com a figuração, com a perenidade e, quase sempre, até mesmo com sua plateia, talvez tenha sido o segmento da cultura mais submetido a um processo de globalização devoradora, com o mercado internacional ditando preços e valores segundo critérios em que a distinção estética passa longe. Nesse caso,

a espetacularização encontra-se com a especulação, à moda das bolsas do capital, substituídas estas pelas casas de leilão, pelas *übergalerias* e pela crítica a soldo, o que decreta um permanente sobe e desce de reputações solúveis.

Tanto quanto a moda, as artes saboreiam o prazer do efêmero, nas instalações, *site specifics* e *flash mobs* que usam o espaço aberto da cidade ou circunscrito das exposições em completo desprezo pelos suportes tradicionais. A arte conceitual, ao dispensar-se do compromisso



com a representação, enveredada por um caminho no qual cada, digamos assim, obra é uma reflexão radical sobre si mesma, uma circunvolução em torno do umbigo, quem sabe até mesmo um deboche premeditado dirigido ao espectador propenso a levar aquilo a sério (e aqui não há como não citar o tubarão de 7,5 milhões de libras do pagodeiro Damien Hirst). Como observou o historiador e crítico Eric Hobsbawm, o efeito natural de tal atitude masturbatória é se perguntar o tempo todo: “Mas isto é arte?” Nem sequer o autor saberá responder com convicção.

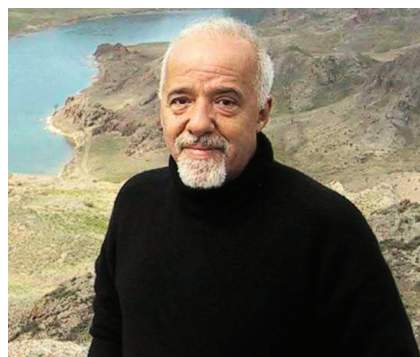
Até o Brasil, se bem que sempre periférico, entra no jogo de cena, com figuras como Beatriz Milhazes, com suas estamparias que homenageiam a chita, e Romero Brito, o favorito dos gabinetes deslumbrados. Os *salons* do poder emergente, frívolo e de mau gosto, bailam ao som do compadrio obscuro e do interesse pecuniário, e assim não chega a surpreender que a fugaz primeira-dama da cidade de São Paulo, patrocinada pelo marido charlatão, busque a imortalidade artística copiando o legado sublime e dilacerado de um Frans Krajcberg. A feira de vaidades aplaude.

Da periferia pobre surgiu o *píxo* e dos bairros remediados brotou o *graffiti*, duas tentativas populares, uma torturada, outra disciplinada, de tomar a palavra na urbe que suprime qualquer manifestação que não seja a dos privilegiados. Os grafiteiros brasileiros – Os Gemeos, Kobra, Zezão, Bueno, Crânio – acabaram adquirindo espaço internacional, se bem que aqui tiveram ainda recentemente de enfrentar a sana higienista de Doria, o Breve, o prefeitinho de *cashmere*, o qual mandou cobrir a contundente *street art* de São Paulo com mimosas camadas de tinta cinza.

Diante de tal panorama, nossa *Mona Lisa* pedaçada, de imperceptível sorriso, acabou por se exilar na Argentina. Vinte e três atrás, o *Abaporu*, de Tarsila

OS “HOMENS DE BEM” CONVOCAM, PARA CENSURAR, O MBL E SEU KNOW-HOW DE PANCADARIA

do Amaral, foi resgatado num leilão da Christie’s pelo colecionador Eduardo Costantini. Entronizada em sala de especial nobreza no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (Malba), na feliz companhia de Lygia Clark e Hélio Oiticica, desfruta de pelo menos uma certeza serena: ainda que esteja desprovida de vestimentas, a figura da tela se encontra ali a salvo dos “homens de bem” de sua terra natal. Um comitê endinheirado bem que tentou repatriá-la, não faz muito tempo, por 30 milhões de dólares. Aliviado, o *Abaporu* ficou por lá.



Censura – este é o revival que o golpe de 2016 desencadeou, à sombra da quadrilha do Planalto, da bancada carola do Parlamento e da queixada narcisista do Inquisidor de Curitiba, modelada em Benito Mussolini. Embora destituídos de qualquer sentido de caridade cristã, pois cristãos não são, os evangélicos da linhagem de Marcos Feliciano, Eduardo Cunha, Magno Malta, Deltan Dallagnol e Marcelo Bretas asseguram que falam diretamente com Deus e d’Ele recebem instruções para combater as insidiosas infiltrações do Coisa-Ruim no território das artes. Já que covardes, os dissimulados da Bíblia usam a tropa de choque do MBL, composta por indivíduos desqualificados e truculentos.

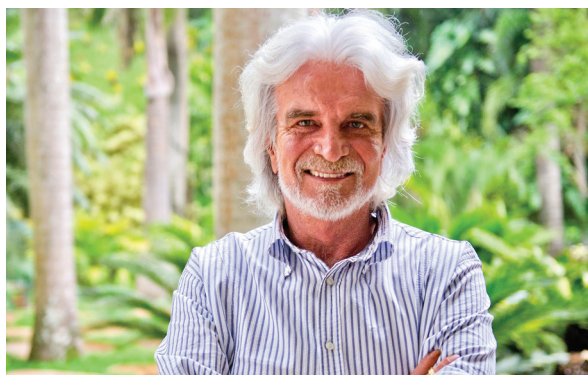
Foi o que aconteceu na mostra *Queer-museum – Cartografias da diferença na arte brasileira*. O Santander Cultural, que patrocinou a exposição, escolheu o lado e ficou com as trevas. Os vigilantes patológicos conseguiram ver pedofilia e zoofilia em obras de artistas como Volpi e Portinari. A mostra foi cancelada em setembro de 2017. Dias depois, um desempenho-solo no Masp, na abertura da Mostra Panorama da Arte Brasileira, na qual um bailarino se posicionava nu sobre o tatame, citando a obra *Bicho*, de Lygia Clark, foi vilipendiado como “incentivo à pedofilia”. Amplificou um momento que nem merecia tanto alarde. *La Bête* – o título do *happening* – acaba de ser apresentada em Paris sem maiores traumas. Aqui, a safra de agressões e perseguições está apenas começando.

As atividades da inteligência e das artes pressupõem, mundo afora, um amparo que no Brasil é eventual e constrangido, bombardeado, quando o incentivo é estatal, com o mesmo furor com que

Exemplos. O *Mecanismo* revelou uma peculiaridade do figurino de Padilha. O Mago vive a certeza de ser o nosso Flaubert



O espetáculo do vazio



Lamento. Paz sofre porque fez um milagre. O *Abaporu* exilou-se em Buenos Aires. A mostra do Queermuseum foi embargada



Goebbels se referia à cultura. O governo espúrio chegou a pensar em extinguir de cardápio ministerial a pasta de cultura. Já o empresariado se resguarda da tentação do mecenato privado, bem diferente do que se passou nos Estados Unidos, onde o dinheiro aplicado nas artes servia até para limpar a ficha dos magnatas chamados, sem nenhum eufemismo, de *robber barons*.

Rockefeller, Guggenheim, Carnegie, Vanderbilt, tantos outros, erigiram fundações, museus, casas de espetáculo que poliram seu legado para além do dinheiro. No Brasil, só funcionou um mecenato por chantagem, graças à rasgada insensatez do bucaneiro Assis Chateaubriand, o qual, ao lado do professor Pietro Maria Bardi, montou o Museu de Arte de São Paulo, enfiando a mão no bolso dos milionários constrangidos. O homem mais

NA AMÉRICA, O MECENATO REDIME OS RICOS. AQUI, A LAVA JATO MIRA OS QUE OUSAM ACREDITAR NA ARTE

rico do País, o bilionário suíço Jorge Paulo Lemann, mantém uma instituição educacional destinada, em nome da “meritocracia”, a formar executivos ambiciosos à sua imagem e semelhança. Ou seja, predadores sociais.

Uma exceção à regra encontra-se hoje sob o foco doentio da milícia da Lava Jato, para quem, como se sabe, o sonho de consumo cultural é a Disney World de

Orlando. Inconformados com o atrevimento de um investidor privado, disposto a gastar o dinheiro herdado de família com um extraordinário museu a céu aberto, em Brumadinho, Minas Gerais, os obscurantistas do Judiciário querem porque querem destruir o Instituto Inhotim, a pretexto de picuinhas que eles jamais veem nos seus apaniguados do tucanato.

Bernardo Paz, o fundador, implantou uma maravilha que o Brasil do Temer e do MBL talvez não mereça. Em compensação, os tais “homens de bem”, empanurrados com a lasanha domingueira e a cervejinha sem lúpulo e sem cevada, podem tomar assento à frente da televisão e esperar que as dançarinas do Faustão venham lhes esfregar o bumbum na cara, sinal de que a vida continua e que a dignidade da família brasileira está preservada. •